

Um filme: *Fahrenheit 451*. Num futuro próximo, um regime tecnocrático à moda de Orwell exerce o controle social através do adestramento das consciências: “tudo pelo coletivo, nada fora do coletivo”. Para isso é necessário reprimir a potência social da Imaginação. E para reprimir o desejo erótico de imaginar é preciso incendiar livros, como faziam inquisidores & nazistas (alguns ainda o fazem). Para essa burocracia autoritária a livre leitura & a escrita livre (o pensamento) são uma espécie de doença mental contagiosa que deve ser erradicada pela lobotomia da TV, do espetáculo sem conteúdo, do consumismo & outras futilidades. Mas alguns desajustados, agindo como traficantes ou contrabandistas, escondem livros & panfletos nos porões, nos sótãos, no interior dos aparelhos domésticos. São rastreados pela polícia política, sob a acusação de serem individualistas degenerados, loucos, bruxos, depravados.

Nossa época às vezes faz lembrar esse filme de Truffaut.

---

Sem o recurso da escrita (ou seus análogos) a oralidade pura & simples (& seus desdobramentos: a recitação, o canto, o teatro) condena-se à efemeridade. Parte de sua beleza reside justamente em sua instantaneidade. É gesto que se faz & imediatamente se apaga, a não ser pela memória. A escrita perpetua.

A tatuagem (bárbara escritura) é a marca do vivido (memória) na página da pele. A escrita (arcaica tatuagem dos civilizados) é a incisão da memória (do vivido) na pele do papel. Escrita & oralidade não se excluem, antes pelo contrário – vejam os folhetos de cordel, ou os *writers* do hip hop. Thot, deus egípcio das encruzilhadas, é uno & triplo: som, escrita & pensamento.

---

Diadema é uma cidade nova, de origem camponesa & proletarizada, multicultural. Antes de ser cidade foi rota de tropeiros entre a Serra do Mar & São Paulo. Na primeira metade do século XX foi ao mesmo tempo periferia urbana & refúgio campestre da metrópole. Nos anos 60-70 foi o dormitório-acampamento dos operários do ABC. Nos 80-90 foi a Cidade Vermelha do Brasil. E hoje?

Naquela casa ali em frente mora uma raizeira que trabalha na linha dos caboclos & encantados da umbanda. Seu vizinho, um pedreiro, é ávido leitor de Kerouac & Tolstói. Na edícula dos fundos há um pintor naïf, que ouve ópera de Bizet enquanto rabisca a tela. Seu pai, hoje evangélico, era mestre de congada no sul de Minas, & a imagem de São Benedito costuma aparecer em meio a suas alucinadas abstrações líricas. Já o sobrinho tem uma banda de rock, ligada em contracultura, enteógenos & raves; está pesquisando xamanismo amazônico desde que começou a frequentar sessões do Daime.

Quantas diferentes batidas de tambor há nos terreiros da cidade? O território é um borbulhante laboratório intercultural: plural, híbrido, surpreendente. Totalmente desconhecido (ou negado) por muitos, que preferem se fechar em abordagens achatadas, previsíveis, caretas.

---

O século XX nos legou duas lições: autonomia & diversidade. Sem liberdade de expressão & pensamento, nada feito – a mais bem-intencionada das utopias torna-se um campo de concentração. Sem variedade, sem diversidade não há vida – o planeta torna-se um forno crematório. Como em *Fahrenheit 451*. Autonomia (radicalização da experiência democrática) & diversidade (valorização simultânea do plural & do singular) são práticas que a cidade precisa experimentar em seus laboratórios.

